



Junio 2019 - ISSN: 1696-8352

ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA DA GESTÃO INTEGRADA DE CAPITAL DE GIRO PARA MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Girlane Silva Fernandes¹

Prof. M.Sc. Rickardo Léo Ramos Gomes²

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Girlane Silva Fernandes y Rickardo Léo Ramos Gomes (2019): "Abordagem bibliográfica da gestão integrada de capital de giro para micro e pequenas empresas", Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana (junio 2019). En línea

<https://www.eumed.net/rev/oel/2019/06/capital-giro-empresas.html>

RESUMO

A gestão do capital de giro tornou-se um instrumento gerencial imprescindível na administração dos negócios, por conta da competitividade e da busca incansável por melhores resultados para as empresas. As micro e pequenas empresas, predominantes na atividade econômica do país, necessitam observar sua gestão de giro para garantir sua sobrevivência num mercado dinâmico e instável. O estudo desta ferramenta deu origem a este estudo, cujo objetivo geral consistiu em estudar a gestão do capital de giro e sua contribuição para a sustentação das atividades das MPEs. Em seu auxílio, foram determinados objetivos específicos, que consistiram em compreender as políticas de crédito de curto prazo, as formas de financiamento e as técnicas usuais de gerenciamento de capital de giro. O problema de pesquisa ao qual se buscou responder consistiu em investigar a relevância da gestão do capital de giro para micro e pequenas empresas e como ela influenciará nas tomadas de decisões. A pesquisa caracterizou-se como bibliográfica e exploratória e, nas considerações finais, determinou-se que o gerenciamento adequado do capital de giro é apontado como fator relevante para o sucesso das micro e pequenas empresas. Consoante as hipóteses aventadas, admite-se a necessidade premente de atualização dos profissionais de finanças, no intuito de conhecerem a real situação econômico-financeira da organização, com vistas ao não comprometimento dos resultados futuros desta.

Palavras-chave: Capital de Giro. Gestão Estratégica do Capital de Giro. Administração Financeira de Micro e Pequenas Empresas.

¹ Graduada em Ciências Contábeis pela Faculdade Ateneu; Pós Graduação em Planejamento e Legislação Tributária pela Faculdade Fametro; MBA Administração e Negócios pela Faculdade Ateneu; MBA em ICMS pela Faculdade CDL; Analista Fiscal nas seguintes instituições: Projeto ABC, Fortes Informática, SEBRAE, FIEC; Contadora com registro no CRC (CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE)

² Professor da Disciplina de Metodologia do Trabalho Científico (Orientador) – Centro Universitário UNIATENEU; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE); Instituto Euvaldo Lodi (IEL). Dr. (Tít. Cult.) em Ciências Biológicas pela FICL; M. Sc. em Fitotecnia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Spec. em Metodologia do Ensino de Ciências pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Spec. (Tít. Cult.) em Paleontologia Internacional pela Faculdade Internacional de Cursos Livres (FICL). Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Licenciado nas disciplinas da Área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Consultor Internacional do BIRD para Laboratórios Científicos. Conveniado com a ABNT.

RESUMEN

La gestión del capital de giro se ha convertido en un instrumento gerencial imprescindible en la administración de los negocios, por la competitividad y la búsqueda incansable por mejores resultados para las empresas. Las micro y pequeñas empresas, predominantes en la actividad económica del país, necesitan observar su gestión de giro para garantizar su supervivencia en un mercado dinámico e inestable. El estudio de esta herramienta dio origen a este estudio, cuyo objetivo general consistió en estudiar la gestión del capital de trabajo y su contribución a la sustentación de las actividades de las MPEs. En su ayuda, fueron determinados objetivos específicos, que consistieron en comprender las políticas de crédito a corto plazo, las formas de financiamiento y las técnicas usuales de gestión de capital de trabajo. El problema de investigación al que se buscó responder consistió en investigar la relevancia de la gestión del capital de trabajo para micro y pequeñas empresas y cómo influenciará en las tomas de decisiones. La investigación se caracterizó como bibliográfica y exploratoria y, en las consideraciones finales, se determinó que la gestión adecuada del capital de giro es señalada como factor relevante para el éxito de las micro y pequeñas empresas. De acuerdo con las hipótesis aventadas, se admite la necesidad urgente de actualización de los profesionales de finanzas, con el fin de conocer la real situación económico-financiera de la organización, con miras al no comprometimiento de los resultados futuros de ésta.

Palabras clave: Capital de Giro. Gestión Estratégica del Capital de Giro. Administración Financiera de Micro y Pequeñas Empresas.

ABSTRACT

The management of working capital has become an essential management tool in the management of business, due to the competitiveness and relentless pursuit for better results for companies. Micro and small enterprises, predominant economic activity of the country, need to observe your working management to ensure their survival in a dynamic and unstable market. The study of this tool has resulted in this study, whose main objective was to study the management of working capital and its contribution to support the activities of SMEs. To his aid, were certain specific objectives, which consisted in understanding the short-term credit policies, forms of financing and the usual techniques of working capital management. The research problem to which it sought to answer was to investigate the relevance of working capital management for micro and small businesses and how it will influence in decision making. The research was characterized as bibliographical and exploratory and, in the final considerations, it was determined that the proper management of working capital is identified as a relevant factor for the success of micro and small businesses. Depending on the hypotheses suggested, it is assumed the urgent need to update the finance professionals in order to know the real economic and financial situation of the organization, in order to not compromise the future results of this.

Descriptors JEL: D24 - Production • Cost • Capital • Capital, Total Factor, and Multifactor Productivity • Capacity

Keywords: Working Capital. Strategic Working Capital Management. Financial Management of Micro and Small Enterprises.

1 INTRODUÇÃO

Com a atual realidade do Brasil as empresas principalmente as MPEs estão enfrentando grandes dificuldades de sobrevivência. O descontrole da economia, as altas taxas de juros, o aumento excessivo da energia e a falta de credibilidade com os investidores, são apenas algumas das dificuldades enfrentadas nesse momento.

Muitas são as empresas que não conseguem honrar seus compromissos por causa da desarmonia financeira, enfrentando assim dificuldades para manter-se no mercado. De acordo com dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2011) do Estado de São Paulo, as Pequenas e Médias Empresas – MPEs representam 99% das 6 milhões de empresas formais brasileiras. Absorvem 67% da mão de obra ocupada no setor privado, tendo assim grande importância social e econômica. No entanto, outra pesquisa do SEBRAE – SP (2008) revela

um dado preocupante: 62% das PMES, ou seja, mais da metade das micro e pequenas empresas têm mortalidade antes dos cinco anos de vida.

Um dos aspectos mais importantes para a saúde financeira da empresa é a e Gestão do Capital de Giro - CDG. O CDG é uma ferramenta relevante na função operacional das empresas, representando, geralmente, mais de 50% dos seus ativos totais investidos. Diante disso, as empresas formalizam estratégias operacionais de atuação para controlar o giro desse capital. O desequilíbrio desse capital implicará em problemas financeiros para a organização, resultando muitas vezes no aumento do financiamento através de capital de terceiros.

Esta pesquisa justifica-se, pelo propósito de elucidar técnicas de gestão do capital de giro, auxiliando nas atividades financeiras inerentes ao seu negócio e nas suas tomadas de decisões.

Em torno destas constatações, estruturou-se este estudo cujo tema é a Gestão Integrada do Capital de Giro. Este estudo buscou demonstrar informações com a finalidade de identificar a importância da Gestão Integrada de Capital de Giro para as MPEs, levando-se em conta que o equilíbrio entre as contas do ativo circulante e do passivo circulante são fundamentais para o desempenho da empresa. Diante do exposto, qual a relevância da gestão do capital de giro para micro e pequenas empresas e como ela influencia nas tomadas de decisões?

O objetivo geral do presente trabalho consiste em apresentar a relevância da gestão do capital de giro para MPEs no processo decisório. Com relação aos objetivos específicos, pretendeu-se: observar o reflexo do gerenciamento do capital de giro na sobrevivência das micro e pequenas empresas, demonstrar as técnicas de gerenciamento integrado do capital de giro, identificar os indicadores que compõem a gestão do capital de giro, verificar a gestão financeira de curto prazo, o capital de giro líquido e a necessidade do capital de giro no ciclo operacional das MPEs.

Assim, do ponto de vista social, ao formular um estudo sobre técnicas de gerenciamento da NCG, pretende-se contribuir para a expansão do conhecimento sobre o assunto abordado, tão necessário à sobrevivência das organizações. A metodologia utilizada nessa pesquisa é de natureza qualitativa exploratória com o método dedutivo, procurando esclarecer um problema a partir de pesquisas bibliográficas com referências teóricas publicadas em documentos. Seu objetivo principal consistiu em proporcionar maior familiaridade com o tema, tornando-o mais explícito para o entendimento do problema e sugestão de uma solução.

O presente trabalho está estruturado em três seções, iniciando-se com a introdução do trabalho, A segunda seção apresenta um estudo bibliográfico, composto pelo referencial teórico, Por fim, detalham-se na terceira seção os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e finalizando com a conclusão. Um dos maiores problemas relacionados à gestão do capital de giro, diz respeito à falta de sincronização entre prazos de pagamento e recebimento, ocasionando uma deficiência no capital de giro, comprometendo e podendo vir a resultar no fechamento da empresa. O resultado do gerenciamento dessas informações demonstrará a situação real econômica e financeira da entidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Capital de Giro

Ao iniciar suas atividades, uma empresa aufere dois tipos de investimentos: um de natureza estável, como a aquisição das máquinas, móveis, prédio, também chamado de ativo imobilizado; outro que compõe uma reserva de recursos para ser utilizada conforme as necessidades financeiras da empresa, chamado de capital de giro. (SEBRAE, 2008/10).

De acordo com Gitman (2004), capital de giro são os ativos circulantes que representam a proporção que circula do investimento total da empresa. O capital de giro reflete a necessidade que as empresas têm de possuir recursos próprios e de terceiros para sustentar suas atividades no seu dia a dia.

A gestão do CDG abrange os recursos correntes (de curto prazo), ou seja, os elementos de giro da empresa que correspondem ao ativo circulante (AC) e o passivo circulante (PC). Esses elementos abordam as compras de mercadorias, pagamento de fornecedores, estoques, processo produtivo, vendas, autorização de crédito, recebimento, pagamentos de salários, impostos, dentre outros. (MATIAS, 2007).

A necessidade para manter as atividades operacionais no dia a dia das empresas com recursos próprios ou de terceiros denomina-se capital de giro.

2.2 Capital de Giro Total (CGT)

Três ativos circulantes básicos compõem o capital de giro total também conhecido como capital circulante bruto: disponíveis (caixa e aplicações financeiras), valores a receber e estoques (MATIAS, 2007).

Entende-se que o capital de giro total nada mais é que os recursos correntes de curto prazo que giram, ou seja, de rápida renovação que garantem a liquidez das operações disponíveis para uma entidade no seu dia a dia.

2.2.1 Capital de giro líquido (CGL)

Para Matias (2007, p. 34), “o capital de giro líquido é a diferença entre o ativo circulante e o passivo circulante”, e que a empresa está com capital líquido positivo quando o ativo circulante supera o passivo circulante.

Segundo Assaf (2007), capital de giro líquido ou capital circulante líquido representa o valor líquido das aplicações (deduzidas das dívidas de curto prazo) efetuadas no ativo (capital) circulante da empresa.

O Capital de Giro Líquido (CGL) é medido pela subtração do Ativo Corrente (AC) o Passivo Corrente (PC).

$$\text{CGL} = \text{AC} - \text{PC}$$

Figura 1- Estruturas de Capital de Giro

AC	PC	
ANC	PNC	$\text{CCL} = \text{AC} - \text{PC}$ $= 0$ (NULO)
	PL	

AC	PC	
ANC	CCL	$\text{CCL} = \text{AC} - \text{PC}$ < 0 (NEGATIVO)
	PNC	
	PL	

AC	PC	
CCL	PNC	$\text{CCL} = \text{AC} - \text{PC}$ > 0 (POSITIVO)

ANC	PL
------------	-----------

Fonte: Matias, 2007

Vale ressaltar que quanto maior for o CGL (capital de giro líquido) da entidade, menor será seu risco de insolvência. Entretanto, um CGL muito alto pode se tornar um problema financeiro para a instituição, pois os fundos de longo prazo estarão financiando parte dos ativos circulantes. (Informação verbal)³.

2.2.2 Capital de giro próprio (CGP)

Para Matias (2007, p. 36), “o capital de giro próprio (CGP) é a parcela de recursos próprios que está sendo utilizada para financiar o capital de giro (ativos de curto prazo)”.

De acordo com Assaf Neto (2007), o capital de giro próprio seria a diferença entre o patrimônio líquido e o ativo permanente mais o realizável em longo prazo. Entende-se que os ativos circulantes de curto prazo estão sendo financiados por uma parcela de capital dos sócios.

$$CGP = PL - AP - ARLP$$

2.2.3 Capital de giro operacional (CGO)

Para a longevidade de uma empresa é vital que se compreenda a importância do capital de giro operacional, suas variáveis e sua interpretação, pois sua má administração poderá comprometer o futuro da instituição. Para Matias (2007), a gestão do capital de giro operacional aborda os elementos operacionais do ativo e do passivo circulante.

Quadro 1- Grupos Patrimoniais

	ATIVO CIRCULANTE	PASSIVO CIRCULANTE	
Financeiro	Caixa e Bancos Aplicações Financeiras	Financiamentos Duplicatas Descontadas	Financeiro
Operacional	Contas a Receber Estoque	Fornecedores Salários e Encargos	Operacional

Fonte: Matias (2007, p. 38)

Vale lembrar que o Capital de Giro Operacional é composto pelos créditos disponibilizados pelas empresas para seus clientes, mais o valor dos estoques, menos o crédito que o fornecedor dá para as entidades. Existem três tipos de ciclos nas empresas: ciclo operacional, ciclo financeiro e ciclo econômico. O ciclo operacional pode ser visto ainda como o intervalo entre a aquisição da mercadoria até o recebimento das vendas efetivadas. Sendo assim, esse processo natural e permanente passa por diversas fases (compra, estocagem, venda, cobrança e recebimento) cada uma dessas fases com um tempo determinado para sua realização compondo assim, a atividade da empresa. (ASSAF NETO, 2010). Na concepção de Gitman (2004), o ciclo financeiro também é denominado ciclo de caixa, e configura o tempo em que os recursos da empresa estão comprometidos entre o pagamento dos insumos e o recebimento de vendas.

Em Assaf (2010), são reveladas algumas estratégias basilares para um gerenciamento adequado do ciclo financeiro:

- reduzir o investimento em estoque, fazendo o estoque girar.

³ Informação fornecida por Carlos Márcio Campos Lima em aula sobre capital de giro, da disciplina Orçamentária 1, ministrada na Faculdade Ateneu de Fortaleza em outubro de 2012.

- controlar as contas a receber, promovendo consultas aos créditos e criando setores de cobranças.
- solicitar maiores prazos com os fornecedores para pagamentos das compras.

Os ciclos operacional, financeiro e econômico são representados pelas seguintes expressões:

- **Ciclo operacional** = $PMRE$ (Estoques/CMV) x 360 prazo médio de rotação de estoques) + $PMRV$ (Duplicatas a receber/Vendas) x 360 prazo médio de recebimento das vendas).
- **Ciclo financeiro** = Ciclo Operacional ($PMRE$ + $PMRV$) – $PMPC$ (Fornecedores/CMV) x 360 prazo médio de pagamento das compras).
- **Ciclo econômico** = $PMRE$

2.3 Gestão Integrada do Capital de Giro

Todas as decisões financeiras que venham a ser tomadas por uma empresa demandam uma atenção especial para seus elementos circulantes, pois são eles que medem a capacidade financeira de desenvolvimento e sustentação dos negócios.

Assaf Neto (2007) certifica que o capital de giro tem participação relevante no desempenho operacional das empresas, cobrindo, geralmente, mais da metade dos seus ativos totais investidos. Para o autor, o objetivo da administração do capital de giro é:

[...] o objetivo da administração financeira de curto prazo é gerir cada ativo circulante (estoques, contas a receber, caixa e aplicações financeiras de curto prazo) e cada passivo circulante (contas a pagar, despesas a pagar e instituições financeiras a pagar) de maneira a alcançar o equilíbrio entre rentabilidade e risco que contribua positivamente para o valor da empresa. (GITMAN, 2004, p. 510).

A gestão do capital de giro, na concepção do autor, é uma peça vital para a “saúde” dos negócios, indispensável à continuação das atividades operacionais da empresa, com toda entidade necessitando de um nível satisfatório de capital de giro para garantir a longevidade de sua atividade operacional.

2.4 A Dinâmica do Capital de Giro

Matias (2007) afirma que o capital de giro representa as aplicações totais de recursos em giro, ou seja, o ativo circulante e que o volume do ativo circulante é dependente de: volume de vendas, ciclo operacional, setor de atividade econômica e capacidade de financiamento.

Assaf Neto; Silva (2010, p. 19) ressalta o seguinte:

Uma boa administração do capital de giro envolve imprimir alta rotação (giro) ao circulante, tornando mais dinâmico seu fluxo de operações. Este incremento de atividade no capital de giro proporciona de forma favorável à empresa, menor necessidade de imobilização de capital no ativo circulante e conseqüente aumento da rentabilidade.

Uma má gestão do Capital Giro resulta facilmente em sérias conseqüências, ocasionando muitas vezes, até em concordata ou falência da empresa. Muitas vezes, o excesso de giro é um dos exemplos. Os recursos que deveriam ser direcionados para o capital de giro muitas vezes são desviados para outra finalidade.

2.5 Dimensionamento da Necessidade do Capital de Giro

Uma empresa, ao analisar informações das suas atividades operacionais, decisões importantes e a forma de financiar seus recursos, estará dimensionando sua necessidade do capital de giro (NCG).

Para Assaf Neto (2007, p.61), “uma metodologia importante de estudo da posição de equilíbrio de uma empresa é aquela baseada na distinção de seus ativos e passivos circulantes operacionais (cíclicos) e financeiros (erráticos)”.

Matias (2007, p.38) afirma:

Dificilmente os pagamentos que a empresa efetua (saídas de caixa) são sincronizados com os seus recebimentos (entradas de caixa). A falta de sincronização temporal entre pagamentos e recebimentos, compras, vendas e recebimentos pode fazer com que o ciclo operacional não gere recursos em montante e/ou prazo suficiente para sustentar a atividade operacional da empresa acarretando assim a NCG.

Vale lembrar que o dimensionamento da necessidade de capital de giro é fundamental para uma boa administração de uma empresa, sendo assim, um desafio enorme para o administrador financeiro, tendo que encontrar o ponto de equilíbrio, pois, um alto capital de giro desviará recursos financeiros que poderiam ser aplicados em outros ativos da entidade. Entretanto, um capital de giro baixo diminuirá a capacidade de vendas da instituição.

2.5.1 Indicadores de atividade para composição do NCG

Segundo Gitman (2004), a eficácia com que os recursos das MPEs estão sendo bem administrados é medida pelos indicadores de prazos médios ou conhecidos também de indicadores de atividade, pois através deles se descobre a política de compra e venda tomada pela empresa.

O período de dias que a empresa necessita para fazer girar seu capital circulante, desempenhando assim suas atividades de renovar estoques, tempo de receber as vendas e de pagar as compras aos fornecedores, é sugerido pelos indicadores de atividade.

“Os principais indicadores de atividade são: giro de estoques, giro de clientes (ou contas a receber), giro de fornecedores (ou contas a pagar) e giro do ativo total”. (D’AMATO *et al* 2012, p. 55).

Gitman (2004, p. 47) afirma que: “Os índices de atividade medem a velocidade com que as várias contas são convertidas em vendas ou em caixa (entradas ou saídas)”. É de extrema necessidade que a empresa acompanhe a rotatividade do estoque, sendo esta peça chave no ciclo operacional de uma entidade. Quanto maior essa rotatividade, melhor para a instituição.

GE (giro estoques) = $\text{Custo de vendas} / \text{valor médio de estoques}$.

Girar os estoques com a maior rapidez possível, evitando faltas de estoques que possam resultar na interrupção das atividades da empresa.

É importante ressaltar que não existe valor certo de giro do estoque e que isso vai depender da atividade fim da empresa e do comportamento dos concorrentes.

GCR (giro contas a receber) = $\text{Vendas anual} / \text{valor médio de contas a receber}$. O período de tempo que a empresa leva para receber suas duplicatas a receber.

A administração das contas a receber é o ponto fundamental para a empresa, seu objetivo consiste em dispor de contas com maior rapidez possível, sem perder vendas com a adoção de técnicas de cobrança muito agressivas (GITMAN, 2004).

“Para medir a eficiência que a empresa paga seus fornecedores é necessário que se observe o giro das contas a pagar, quanto menor esse giro melhor para a empresa”. (D’AMATO *et al* 2012, p. 56).

GCP (giro contas a pagar) = $\text{Compra anual} / \text{valor médio de contas a pagar}$

Para identificar a eficiência com que uma empresa utiliza seus ativos para financiar suas vendas utiliza-se o giro do ativo total (GITMAN, 2004). Se o valor consistir reduzido, isso significa que os ativos estão sendo utilizados de maneira incorreta ou ineficiente. A fórmula a seguir exemplifica a questão:

$$\text{GAT (giro ativo total)} = \text{Vendas anual} / \text{ativo médio total}$$

2.5.2 Análise vertical e horizontal

Existem, além dos indicadores de atividades, outros índices e análises que auxiliam os gestores e administradores das MPEs nas tomadas de decisões. Assaf Neto (2007) afirma, ainda, que, assim como na Análise Horizontal, a Análise Vertical objetiva estudar as tendências da organização. É um complemento das demonstrações contábeis e permite distinguir a estrutura da entidade, ou seja, da participação de cada componente do patrimônio e dos resultados.

Para Martins (2012, p. 182), “a análise horizontal é uma ferramenta importante para analisar a evolução das contas individuais e também dos grupos de contas ao longo do tempo, por meio de números-índices”.

Martins (2012, p. 183) afirma ainda que “a análise vertical é um método comparativo, expresso em percentualidade, entre contas que pertencem ao mesmo demonstrativo anual”. E que essa análise se torna mais relevante quando aplicada às contas da Demonstração do Resultado do Exercício - DRE.

Compreende-se que as características basilares da análise de uma entidade são a comparação dos valores alcançados em determinado momento, com aqueles obtidos em períodos anteriores e o relacionamento desses valores com outros semelhantes.

2.5.3 Índices de liquidez

Conforme Matias (2007, p. 184), “os índices de liquidez medem se a empresa pode arcar com suas obrigações nos prazos negociados, ou seja, a solvência da entidade, o grau de risco que existe entre os ativos realizáveis e os passivos exigíveis”.

Segundo D’Amato et al (2012, p. 33), “a liquidez é a medida de avaliação da capacidade financeira da empresa para satisfazer os compromissos com terceiros. Mede sua capacidade de pagamento a curto e longo prazo.

Segundo D’Amato *et al* (2012, p. 34), os índices de liquidez estática se subdividem em:

- a) Liquidez imediata - LI: indica qual a capacidade da empresa para saldar seus compromissos imediatos, com os seus disponíveis em (caixa, aplicações financeiras em curto prazo e bancos), ou seja, tudo que pode ser convertido em dinheiro rapidamente.
- b) Liquidez corrente - LC: indica quanto a empresa possui de ativo circulante para honrar o seu passivo circulante, ou seja, quanto existe de ativo fluante para cada R\$ 1,00 de dívida do passivo circulante.
- c) Liquidez seca – LS: indica quanto de ativo líquido a empresa possui sem contar com a venda dos seus estoques para cada R\$ 1,00 de passivo circulante, ou seja, mede a capacidade financeira de curto prazo da empresa, ignorando a necessidade de venda de seus estoques.
- d) Liquidez geral- LG: também conhecida como liquidez total, indica a capacidade da empresa de arcar com seus compromissos de curto e longo prazos, ou seja, sua capacidade financeira mais ampla envolvendo suas contas de AC (Ativo Circulante) e RLP (Realizável a Longo Prazo) e PC (Passivo Circulante) e ELP (Exigível a Longo Prazo). Para cada R\$ 1,00 de dívida, quanto a empresa possui de direitos e deveres para arcar.

Conforme Martins (2012, p. 195), “os índices altos podem estar mostrando, na verdade, recursos ociosos no Ativo Circulante o que pode levar a uma redução da rentabilidade. Podem mostrar incapacidade de aplicação dos recursos obtidos”. Percebe-se que não se pode dizer que índices de liquidez muito altos consistem numa vantagem para a empresa, pois se esta acumular um

capital de giro muito alto, poderá deixar de investir em aplicações financeiras ou em outros investimentos relevantes para a continuidade do negócio. O ideal é que haja um equilíbrio.

Quadro 2 - Índices de liquidez

ÍNDICE	FÓRMULA	FUNÇÃO
LIQUIDEZ IMEDIATA	DISPONÍVEL/PASSIVO CIRCULANTE	Indica a porcentagem de dívida de curto prazo em condições de ser liquidada imediatamente
LIQUIDEZ SECA	AC - ESTOQUES - DESP. ANTECIPADAS/PASSIVO CIRCULANTE	Indica a capacidade de pagamento de curto prazo da empresa mediante uso basicamente de disponível e valores a receber
LIQUIDEZ CORRENTE	ATIVO CIRCULANTE/PASSIVO CIRCULANTE	Indica quanto existe de Ativo Circulante para cada R\$ 1,00 de dívida do Passivo Circulante
LIQUIDEZ GERAL	AC + REALIZÁVEL A LONGO PRAZO / PC+ EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	Indica que para cada R\$ 1,00 de dívida total que a empresa possui quanto ela possui de direitos e deveres para honrar

Fonte: Martins (2012, p. 190), adaptado de Matarazzo (2008)

2.5.4 Índices de rentabilidade

A capacidade de retorno gerada pelos rendimentos em relação ao capital investido pelos sócios na organização é medida pelos Indicadores de Rentabilidade, buscando demonstrar qual a rentabilidade que os valores que são investidos irão render, ou seja, o quanto a empresa está sendo lucrativa ou não (MARTINS, 2012).

Matias (2007, p. 47) afirma:

As decisões relacionadas à gestão do capital de giro das empresas apresentam uma relação entre risco e retorno. Sob as condições econômicas normais, quanto maior a manutenção de liquidez, menor a rentabilidade desses recursos. Desta forma cria-se um dilema entre liquidez e rentabilidade na gestão do capital de giro.

Quadro 3 - Índices de Rentabilidade

ÍNDICE	FÓRMULA	INDICA
GIRO DO ATIVO	VENDAS LÍQUIDAS/ATIVO	Quanto a empresa vendeu para cada R\$ 1,00 de investimento total
MARGEM LÍQUIDA	LUCRO LÍQUIDO/VENDAS LÍQUIDAS	Quanto a empresa obtém de lucro para cada R\$ 1,00 vendido
RENTABILIDADE DO ATIVO	LUCRO LÍQUIDO/ATIVO	Quanto a empresa obtém de lucro para cada R\$ 1,00 de investimento total
RENTABILIDADE DO PL	LUCRO LÍQUIDO/PL MÉDIO	Quanto a empresa obtém de lucro para cada R\$ 1,00 de capital próprio investido, em média, no exercício

Fonte: Martins (2012, p. 223), adaptado de Matarazzo (2008)

Para Matias, existe uma relação entre rentabilidade e liquidez, influenciando uma a outra de forma direta, ou seja, quando ocorre uma alteração na rentabilidade de uma entidade ocorre em contrapeso uma mudança na liquidez, sendo essas muito próximas e o equilíbrio entre ambos nasce à gestão do capital de giro.

Matias (2007, p. 47) afirma ainda que “o dimensionamento do investimento em capital de giro tem profundo impacto no sucesso dos negócios, já que exerce grande influência na liquidez e rentabilidade das organizações”.

Contudo, os recursos são investidos na empresa com a finalidade de alcançar benefícios futuros, ou seja, os lucros. Para tentar identificar o sucesso ou fracasso de seu negócio as organizações avaliam a rentabilidade, essa análise é feita com base no efeito econômico, nas vendas e investimentos.

2.6 Fontes de Financiamento do Capital de Giro

Assaf Neto (2010) afirma que para estudar as fontes de financiamento é de extrema necessidade que se entenda a importância do capital de giro em suas duas classificações:

Capital permanente (ou fixo) – É a parcela fixa do ativo circulante utilizada na atividade fim da empresa periodicamente, um investimento cíclico de recursos, onde o giro acontece permanentemente.

Capital sazonal (ou variável) – Determinado pelas variações temporárias que ocorrem na entidade. No caso das MPEs do setor comercial, nas datas comemorativas em determinados períodos do ano, onde as empresas precisam investir em estoques maiores, em consequência de vendas extras em determinados períodos do ano.

De acordo com D'Amato et al (2012), para se criar e manter uma entidade independente do seu ramo de atuação são fundamentais os recursos financeiros para financiar suas atividades. A empresa poderá utilizar-se de dois tipos de capital para esse processo: o capital próprio e o capital de terceiros, que poderão ser de curto, médio ou longo prazo. Para Matias (2007) as fontes de financiamento de capital de giro têm como representante no balanço patrimonial, todas as obrigações de curto prazo de uma empresa, mais uma parcela de recursos de longo prazo, de terceiros e próprios.

2.6.1 Principais fontes de financiamento para MPEs

As fontes operacionais de capital de giro surgem a partir das operações da empresa, em razão diretamente proporcional. Essas operações podem acarretar custos, com o aumento das vendas, também há aumento dos impostos, enfim, surge o ciclo; quanto mais se vende maior é o valor a pagar. As principais fontes de financiamento são fornecedores, impostos e obrigações sociais. (MATIAS, p. 122).

Pela análise da relação do capital circulante com as contas financeiras que giram ou mobilizam o dia a dia da empresa, pode-se observar que:

a) Ao vender a prazo, toda empresa necessita de recursos para financiar suas duplicatas a receber;

b) Para manter estoque de mercadorias a empresa carece de recursos para financiar estoques;

c) Para comprar a prazo mercadorias para revenda, a empresa necessita que os fornecedores financiem seu estoque em parte ou na sua totalidade.

a) Se a empresa tem prazos para pagar suas despesas (impostos, energia, salários e outros gastos), todas essas despesas ou parte delas são financiadas pelos fornecedores (SEBRAE, 2012).

Para Matias (2007) as principais fontes de financiamento do capital circulante são: Fornecedores, impostos e obrigações a pagar, salários e adiantamentos a clientes. As MPEs necessitam de financiamentos para aumentarem as compras e as vendas das empresas pois, as mesmas não possuem recursos próprios suficientes para financiar seus projetos de investimento. Com isso há um aumento nos fornecedores a pagar, nos salários (devido ao aumento de horas trabalhadas) e nos impostos, pois quanto mais se vende mais se paga impostos. Com o aumento desses elementos cresce também a necessidade de um capital circulante maior. Uma empresa para nascer e manter-se no mercado pode financiar suas atividades de duas formas: Por meio de capital de giro próprio (CGP) ou por meio de capital de giro de terceiros (CDT).

A maior parte dos problemas que levam as empresas a recorrerem a bancos e a outras instituições financeiras buscando recursos para seu capital de giro, de acordo com D'Amato et al (2012), consiste em: Má gestão da empresa em várias áreas elevando seus custos fixos, Sazonalidade das vendas, Ciclo financeiro e ciclo operacional com períodos longos, Inadimplência excessiva por parte de clientes, Custos altíssimos de empréstimos e financiamentos obtidos.

O adiantamento de clientes feito em uma compra para entrega futura onde existe uma antecipação de valores recebidos, também pode ser considerada uma fonte de financiamento. Este fato ocorre quando existe uma demanda maior que a oferta. O quadro a seguir explana de forma objetiva, quais as possibilidades de obtenção de capital de giro por meio de recursos operacionais e de recursos financeiros de curto e longo prazo.

Quadro 4 - Fontes de Financiamento Capital de Giro

ATIVO CIRCULANTE	PASSIVO CIRCULANTE	
CAIXA E BANCOS	FINANCIAMENTOS	FONTES FINANCEIRAS
APLICAÇÕES FINANC.	DUPLICATAS DESCONT.	
CONTAS A RECEBER	FORNECEDORES	FONTES OPERACIONAIS
ESTOQUES	SALÁRIOS E ENCARGOS	

Fonte: Adaptado de Matias (2007).

Segundo Matias (2007) se as fontes operacionais de giro, não conseguirem arcar com suas aplicações operacionais, ou seja, com a parte do ativo circulante destinada a atividade fim da empresa acarretando assim uma necessidade de capital de giro, seus administradores devem

recorrer aos recursos de terceiros, ou seja, fontes financeiras como empréstimos bancários, financiamentos ou duplicatas descontadas.

2.6.2 Classificação das MPEs

As MPEs têm se destacado no atual cenário econômico, a despeito da tão elevada carga tributária que sua operação acarreta. Segundo o SESCAP- Ceará: “As MPEs representam 20% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, e são responsáveis por mais de 40% dos empregos formais, além de representarem 99% das empresas brasileiras”. (SESCAPCE, 2012, p. 13)

É relevante que se conheçam as delimitações relativas ao que define o porte das MPEs no Brasil, pois existem uma diversidade de linhas de crédito para estes tipos de empresas. Segundo a Lei complementar nº 123 de 14 de Dezembro de 2006 estabelece no art. 3º do capítulo segundo, a seguinte definição:

I - no caso das microempresas, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais);

II - no caso das empresas de pequeno porte, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais).

As dificuldades das micro ou pequenas empresas no Brasil atualmente estão relacionadas à falta de regulamentação e à alta burocracia, que ainda são barreiras no cotidiano das empresas. Entretanto, alguns estados já regulamentaram a Lei Geral das MPEs, com vistas a facilitar a sua constituição e longevidade. Outros estados ainda negligenciam este nicho econômico, e em vez de ampará-lo, suprimem alguns benefícios importantes para o seu desenvolvimento.

Conforme o SEBRAE (2012) a entidade limita as micros às que contratam até nove pessoas, quando se tratar de comércio e serviços, ou até 19, sendo no caso da indústria ou construção civil. Já as pequenas empresas, são definidas como as que possuem um número maior: em torno de 10 a 49 empregados para comércio e serviços, e de 20 a 99 pessoas, quando se tratar de empresas de construção e indústria. Segundo Matias (2007), existem alguns critérios para classificar as empresas de pequeno porte: número de empregados, faturamento, investimento, capital registrado e quantidade produzida.

Atualmente, existem duas classificações principais: por faturamento e por número de empregados. A primeira está diretamente relacionada à questão fiscal e legal, conforme apresentado acima, enquanto a segunda é, em termos gerais, a mais usada, inclusive pelo SEBRAE e por outras instituições de amparo à pequena empresa. Esse último critério pode ser observado no quadro abaixo, diferenciando-se por setor de atividades os limites considerados na classificação.

Quadro 5 - Classificação da Empresa por Porte

PORTE DA EMPRESA	COMÉRCIO E SERVIÇO	INDÚSTRIA
Micro	Até 9 funcionários	Até 19 funcionários
Pequena	10 a 49 funcionários	20 a 99 funcionários
Média	50 a 99 funcionários	10 a 499 funcionários
Grande	> 100	> 500

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Sebrae, 2012.

O quadro acima nos mostra a classificação das empresas em relação ao seu porte, e suas atividades indústria, comércio e serviços e como essas se classificam de acordo com o número de seus funcionários.

2.6.3 Objetivo da gestão do capital de giro

Gerir eficientemente o capital de giro de uma entidade pode ser uma tarefa difícil, a maioria dos gestores financeiros tem buscado este objetivo. Durante o processo de gestão encontram-se algumas dificuldades, tais como: Diminuição de vendas; Aumento da inadimplência; Crescimento das despesas financeiras; Ampliação dos custos.

Quadro 6 - Balanço Patrimonial e capital de giro

ATIVO	PASSIVO
Ativo Circulante (AC)	Passivo Circulante (PC)
Disponível	Fornecedores
Valores a Receber	Salários e Encargos Sociais
Estoques	Empréstimos e Financiamentos

Fonte: Assaf Neto (2010, p.14).

O objetivo da administração financeira de curto prazo é gerir cada ativo circulante (estoques, contas a receber, caixa e aplicações financeiras de curto prazo) e cada passivo circulante (contas a pagar, despesas a pagar, e instituições financeiras a pagar) de maneira a alcançar um equilíbrio entre rentabilidade e risco que contribua positivamente para valor da empresa. (GITMAN, 2004, p. 510).

De acordo com Matias (2007), o objetivo principal dos gestores financeiros é aumentar a riqueza dos donos de empresas através do aumento ou valorização da entidade. Uma entidade precisa a cada ano se valorizar mais para que a gestão seja considerada eficiente e para que todos possam ter participação nos lucros, uma entidade que não gera lucro estará caminhando para o fracasso mesmo sendo pública ou social.

Percebe-se que o objetivo da Gestão do Capital de Giro, é administrar cada um dos ativos circulantes e dos passivos circulantes da empresa, de tal forma que um nível aceitável de **capital circulante líquido (CCL)** seja mantido, garantindo-se com isso, a margem razoável de segurança.

2.6.4 Impacto da gestão do capital de giro no desempenho das MPEs

Administrar corretamente CDG é um ponto basilar para a saúde financeira da organização, pois isso contribui para ter um bom desempenho operacional. Uma má administração pode derivar em graves dificuldades financeiras, comprometendo a solvência e até a longevidade da empresa (D'AMATO, 2012).

Uma boa gestão do capital de giro é fundamental para saúde financeira de uma empresa, pois estão ligados de forma direta com ciclo operacional e o movimento dos negócios. Uma das principais preocupações dos administradores e empresários das MPEs origina-se precisamente na falta de recursos financeiros. (ASSAF NETO 2007).

As MPEs do muitas vezes, por não possuírem uma reserva regular de capital de giro, se deparam com vários problemas como: Falta de capital circulante, Dificuldades financeiras, Carga tributária altíssima, Retrocesso na economia do país, Carência de cliente e a concorrência.

O excesso de capital circulante (recursos ociosos) também pode ser considerado assim, como a um problema para a empresa, imagine uma empresa com um alto nível de CDG parado no caixa, conseqüentemente esses recursos estão deixando de serem investidos gerando assim, mais lucros para entidade. (D'AMATO, 2012).

Percebe-se que o acompanhamento do CDG impacta diretamente no desempenho das MPEs se tornando assim relevante a sua gestão. Os gestores financeiros devem direcionar sua atenção para o capital de giro, pois, ele necessita de acompanhamento constante, uma vez que as MPEs sofrem continuamente o impacto das distintas mudanças enfrentadas por esse segmento, internas ou

externas. Na maioria das vezes, cobrindo mais da metade de seus ativos totais investidos o capital de giro influencia, de forma direta, no desempenho operacional das empresas.

2.6.5 Impacto da Responsabilidade Social no desempenho das MPEs

As MPEs cada vez mais, procuram ser “mais responsável socialmente” e isso é um dos maiores desafios que as empresas enfrentam nos dias atuais. O SEBRAE (2012) noticiou que as MPEs, contribuem bastante para a melhoria das comunidades em que estão presentes. Contudo, essa atitude deve continuar de forma sistemática, enraizando valores em nosso meio social. É com o intuito de auxiliar micro e pequenas empresas a adotarem uma postura sustentável e a gerirem seus negócios de forma socialmente responsável, que o Instituto Ethos, juntamente com o SEBRAE, elaborou um manual contendo o “passo a passo” para tais empresas atingirem esse objetivo.

Conforme divulgado por Instituto ETHOS (2012), a Responsabilidade Social Empresarial (RSE) é um fator de competitividade para os negócios. No passado, uma empresa competitiva era a que oferecia os preços mais baixos. Depois, acentuou-se a preocupação com a qualidade, mas ainda focada nos produtos e serviços. Hoje, as empresas necessitam investir no permanente aperfeiçoamento de suas relações com todos os públicos, pois deles dependem e com eles se relacionam. É preciso considerar clientes, fornecedores, empregados, parceiros e colaboradores. Inclui-se ainda a comunidade, na qual atua o governo, sem esquecer a sociedade em geral.

Contudo o balanço social é um instrumento importante para a empresa comunicar-se com os públicos com que se relaciona: investidores, público interno, fornecedores, clientes, comunidade, ONGs e a sociedade.

Essa publicação deve ser anual e conter um relatório de atividades econômicas, ambientais e sociais. Deve apresentar não apenas os sucessos, mas também os principais compromissos públicos da empresa, as metas para o futuro, os problemas que imagina enfrentar e com quais parceiros gostaria de trabalhar para enfrentar os desafios que não de vir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos empíricos seguidos no presente trabalho abordaram o estudo, envolvendo o tipo de pesquisa, a caracterização da pesquisa, bem como a metodologia de apresentação dos resultados proporcionando assim, respostas aos problemas que foram propostos e considerações finais inovadoras.

De acordo com Gil (2009), a pesquisa pode ser definida como um procedimento sistemático e racional, cujo objetivo é proporcionar respostas às indagações formuladas pelos estudos científicos.

A pesquisa realizada revestiu-se de natureza qualitativa exploratória, procurando esclarecer um problema a partir de pesquisas bibliográficas com referências teóricas publicadas em documentos.

Para o alcance aos objetivos sugeridos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica onde a principal fonte de conhecimento consistiu em livros e artigos científicos, periódicos já elaborados e acessos a sites de internet para levantar a fundamentação teórica para o estudo realizado.

O método utilizado na abordagem desse trabalho foi o método dedutivo, com caráter exploratório, estimulando os pesquisadores a refletirem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Utilizando e formulando de modo explícito as informações já contidas nas premissas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos fatores influenciam diretamente no sucesso ou fracasso das empresas, desde a opção adequada do local, onde são instalados os tipos de produtos ou serviços a serem ofertados, até a gestão do capital de giro, fatores imprescindíveis à sustentação das suas atividades operacionais e financeiras.

Ao longo deste estudo, objetivou-se demonstrar a relevância do planejamento da gestão do capital de giro com sustentação na afirmativa de que os micros e pequenos empresários necessitam de informações econômicas financeiras para administrar seu negócio e ampliar suas possibilidades de longevidade e crescimento no mercado.

O êxito deste propósito foi alcançado ao longo das seções que versaram sobre os diversos aspectos do capital de giro. A segunda seção tratou de conceituá-lo, estudar os indicadores contábeis que o alicerçam, bem como seu dimensionamento e gestão integrada, discorreu-se sobre suas fontes de financiamento entre outros.

Os objetivos específicos elaborados para este fim foram assim alcançados. Demonstrou-se que as MPEs devem analisar e controlar as variáveis que comprometem essa gestão. Pode-se observar, com base nos estudos teóricos, que para uma atuação bem sucedida, os gestores financeiros e administradores devem utilizar dados confiáveis que possam nortear suas decisões gerenciais.

A utilização da análise das demonstrações contábeis, por meio de técnicas, indicadores e relatórios financeiros como sistema de informação, permite avaliar numericamente seu desempenho e estrutura a fim de alcançar sucesso nas suas decisões. Sua correta interpretação pode afetar de forma direta e positivamente o gerenciamento integrado do CDG e, com isso, influenciar nos resultados de uma entidade.

Como se viu na pesquisa do SEBRAE, apesar das MPEs representarem consideravelmente a maioria das empresas formais no Brasil, muitas delas morrem antes de completar dois anos de existência por falta de controle das atividades operacionais e da gestão do capital de giro. Através dos relatórios financeiros elaborados é possível verificar que o ciclo operacional e financeiro de uma empresa é de extrema relevância. Esse período de compra, estocagem, prazo e recebimento influencia de forma direta e positiva no desenvolvimento e perpetuidade da empresa.

Compreendeu-se que a análise do capital permanente líquido, a necessidade de capital de giro e o saldo de tesouraria são elementos determinantes para revelar a situação financeira positiva ou negativa da empresa.

No que concerne à constante atualização profissional, verificou-se o contexto dinâmico da gestão financeira e a necessidade de observar, além do cenário econômico, as tendências de mercado. O desequilíbrio do CDG implicará em problemas financeiros para organização, resultando muitas vezes no aumento do financiamento através de capital de terceiros.

Também verificou-se que um dos maiores problemas relacionados à gestão do capital de giro diz respeito à falta de sincronização entre prazos de pagamento e recebimento, fator que ocasiona uma deficiência no capital de giro, comprometendo e podendo vir a resultar no fechamento da empresa. O resultado do gerenciamento dessas informações demonstrará a situação real econômica e financeira da empresa.

As informações contidas no processamento dos controles econômicos e financeiros estabelecem um conhecimento contábil mínimo dos administradores, gestores financeiros e empresários da empresa para que assimilem os métodos e cálculos utilizados e assim obtenham adequadamente a análise dos índices encontrados. Espera-se que o estudo contribua positivamente para identificar a necessidade da utilização de ferramentas gerenciais contábeis para uma melhor e mais eficaz gestão do capital de giro nas MPEs, garantindo sua permanência no mercado.

REFERÊNCIAS

- Assaf Neto, Alexandre. LIMA, Fabiano Guasti. (2010). *Fundamentos da Administração Financeira*. São Paulo; Atlas.
- Assaf Neto, Alexandre. Silva, César Augusto Tibúrcio. (2007). *Administração do Capital de Giro*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- Assaf Neto, Alexandre. (2007). *Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico-financeiro*. 8. ed. São Paulo: Atlas.
- Brasil. (2006). *Lei complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LCP/Lcp123.htm>. Acesso em: 9 abr. 2019.
- D'Amato, Lucia Carmen et. al. (2012). *Curso Básico de Finanças: Entendendo Finanças de Maneira Prática e Objetiva*. São Paulo: Atlas.
- Gil, Antônio Carlos. (2009). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas.
- Gitman, Lawrence J. (2004). *Princípios da Administração Financeira*. 10 ed. São Paulo: Addison Wesley.
- Instituto ETHOS. (2012). *Empresas e Responsabilidade Social. Responsabilidade Social Empresarial para Micro e Pequenas Empresas*. Disponível em: <http://www.ethos.org.br/Uniethos/Documents/responsabilidade_micro_empresas_passo.pdf> Acesso em: 25 de outubro de 2012.
- Lima, Carlos Marcio Campos. (2012). *Capital de giro: Orçamentária I*. Nota de aula.
- Martins, Eliseu. Diniz. Josedilton A. Miranda, Gilberto J. (2012). *Análise Avançada das Demonstrações Contábeis*. São Paulo Atlas.
- Matias, Alberto Borges (coordenador). (2007). *Finanças Corporativas de Curto Prazo. A Gestão do Valor do Capital de Giro*. São Paulo: Atlas.
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (2012). *Modalidade de crédito*. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/customizado/uasf/preciso-de-credito/modalidade-de-credito/>> Acesso em: 08 de Abril de 2019.
- _____. (2008). *Relatório de Pesquisa - Administração do Capital de Giro*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.mundosebrae.com.br/2008/10/administracao-do-capital-de-giro/>> Acesso em: 30 de maio 2012.
- _____. (2006). *Relatório de Pesquisa - Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil*. Brasília. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/br/mortalidade_empresas/> Acesso em: 15 de março 2019.FTY
- _____. (2011). *Coleção Estudos e Pesquisas - Taxas de Sobrevivência das Empresas no Brasil*. Brasília. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/45465B1C66A6772D832579300051816C/\\$File/NT00046582.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/45465B1C66A6772D832579300051816C/$File/NT00046582.pdf)> Acesso em: 20 de abril 2019.
- SESCAP - Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento. (2012). *Perícias, Informações e Pesquisas. A Hora e a Vez das MPes*. Ceará. Disponível em: <<http://sescapce.org.br/publicações/exibir/17>> Acesso em: 30 de março de 2012.